

**“OS PERIGOS DA COEDUCAÇÃO”: JOSÉ VALDEVINO, O NORDESTE E A EDUCAÇÃO MISTA (1937-1940)****“THE DANGERS OF COEDUCATION”: JOSÉ VALDEVINO, O NORDESTE AND MIXED EDUCATION (1937-1940)**Janilson Rodrigues Lima<sup>1</sup>

**Resumo:** Nesse texto analisamos alguns artigos escritos pelo professor José Valdevino sobre a coeducação. Seus artigos eram publicados no jornal *O Nordeste*, periódico pertencente à Arquidiocese de Fortaleza, o que mostrava o consentimento da Igreja Católica do Ceará com os escritos do professor e também marcou sua ação como intelectual católico na década de 1930. As publicações feitas no jornal católico, assinadas por Valdevino, se mostravam contrárias à coeducação. Com um discurso carregado de uma moral católica combatia a educação mista, que possibilitava que meninos e meninas estudassem juntos na mesma sala de aula e frequentassem os mesmos espaços escolares. Mostramos em nosso trabalho como essa posição do professor ganhou espaço na imprensa católica e também buscava combater novas ideias que ganhavam espaço no campo da educação através dos defensores da Escola Nova. Contudo as afirmações do intelectual católico também tinham intenção de estabelecer quais os lugares sociais para homens e mulheres na sociedade fortalezense na década de 1930. Com base no jornal *O Nordeste* e na coluna “Os perigos da coeducação”, escrita por José Valdevino, analisamos o posicionamento da Igreja Católica do Ceará sobre a educação de homens e mulheres.

**Palavras-chave:** Educação. *O Nordeste*. José Valdevino.

**Abstract:** In this text we analyze some articles written by teacher José Valdevino on coeducation. His articles were published in the newspaper *O Nordeste*, a periodical belonging to the Archdiocese of Fortaleza, which showed the consent of the Catholic Church of Ceará with the teacher's writings and also marked his action as a Catholic intellectual in the 1930s. The publications made in the Catholic newspaper, signed by Valdevino, were opposed to coeducation. With a discourse charged with Catholic morality, he fought mixed education, which made it possible for boys and girls to study together in the same classroom and attend the same school spaces. We show in our work how this position of the teacher gained space in the Catholic press and also sought to combat new ideas that gained space in the field of education through the defenders of Escola Nova. However, the statements of the Catholic intellectual were also intended to establish the social places for men and women in Fortaleza society in the 1930s. Based on the newspaper *O Nordeste* and on the column “The dangers of coeducation”, written by José Valdevino, we analyzed position of the Catholic Church of Ceará on the education of men and women.

**Keywords:** Education. *O Nordeste*. José Valdevino

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UNIRIO. Mestre e graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Professor substituto da Faculdade de Educação de Crateús/UECE. E-mail: [janilsonhistoria@gmail.com](mailto:janilsonhistoria@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9812-0673>

## Introdução

A década de 1930 no Ceará foi um momento de intensas disputas políticas. Grupos conservadores juntaram forças com a elite católica de Fortaleza que com apoio da Arquidiocese e da Liga Eleitoral Católica (LEC) conseguiram ocupar cargos estratégicos no campo da política eleitoral. Em 1936 os católicos tinham eleito a maioria dos cargos para deputado federal, estadual, dois senadores do estado e ainda elegeram o Governador, Menezes Pimentel e o prefeito de Fortaleza, Raimundo Alencar Araripe. O resultado nas urnas era consequência das iniciativas e ações do arcebispo dom Manuel da Silva que tinha ligações com a elite política do estado e incentivou a atuação dos leigos junto a Ação Católica.

O jornal *O Nordeste* era um dos pontos de apoio dessa elite católica. O periódico fundado em 1922, tinha ampla divulgação na sociedade cearense e tinha como redator chefe Andrade Furtado. Este era professor da Faculdade de Direito do Ceará e um dos homens de confiança do arcebispo frente a Ação Católica por meio de sua atuação pelo jornal. *O Nordeste* era considerado a folha oficial da arquidiocese, mantido por assinantes, chegava ao interior do estado através de suas assinaturas muitas vezes realizadas pelos próprios padres. Foi através desse jornal que os católicos disputaram narrativas, combateram ideias e divulgaram seus ideais de mundo e sua moral católica.

José Valdevino de Carvalho foi um dos católicos que contribuiu com as páginas do jornal da arquidiocese. Nascido no município de Pacatuba-CE em 1911, cidade próxima de Fortaleza, se formou bacharel em direito pela Faculdade de Direito do Ceará e logo atuou como professor em algumas escolas tradicionais da capital cearense. Fez parte da Liga dos Professores Católicos, associação que funcionava na arquidiocese e que era presidida por Luis Sucupira, outro integrante da Ação Católica e do jornal *O Nordeste*. Neste, José Valdevino, escreveu em 1937 uma coluna intitulada: “Os perigos da coeducação”. Nela o professor criticava a educação mista e num tom de alerta aos católicos, falava “dos perigos” da educação mista entre homens e mulheres.

Através dessa coluna e do cenário que favorecia a elite católica, vamos analisar as intenções de José Valdevino com seus escritos e como a arquidiocese através do seu jornal tentava estabelecer um modelo de educação baseada na valorização do papel social masculino e na suspeição social das mulheres. Estabelecendo para elas um lugar de subalternidade, restrito principalmente ao lar e a família. O discurso feito contra a educação mista, mostrava um posicionamento dos católicos contrários ao movimento da Escola Nova<sup>2</sup>, ao mesmo tempo em que buscava estabelecer lugares sociais para homens e mulheres na sociedade cearense.

Nesse artigo utilizamos como fonte principal notícias que eram publicadas no jornal católico *O Nordeste*. Principalmente as notícias escritas por José Valdevino no ano de 1937 sobre a coeducação, contudo as ideias defendidas por ele continuaram presentes no jornal *O Nordeste* até 1940, sendo defendidas diretamente pela Arquidiocese de Fortaleza. Além do jornal utilizamos uma ata da Liga dos Professores Católicos e uma nota da Junta Arquidiocesana. Com essas fontes conseguimos analisar a ação da Igreja Católica do Ceará e de alguns dos seus intelectuais na luta contra a educação mista e a tentativa de estabelecer alguns hábitos para a sociedade fortalezense envolvendo homens e mulheres. É importante destacar que nosso trabalho não visa fazer uma história da imprensa, mas sim utilizar o jornal católico de Fortaleza como fonte de pesquisa (LUCA, 2010).

### **José Valdevino, os católicos e a educação mista**

O olhar católico sobre a educação não se restringia apenas ao ensino formal, mas também às páginas de seu jornal diário, associações e círculos fundados pelo grupo católico de Fortaleza. Não temos dúvida que a educação formal foi palco de disputas, pois era um ponto estratégico para o grupo católico, estava em jogo o ensino religioso e

---

<sup>2</sup> O movimento da Escola Nova tinha como uma de suas pautas a defesa da escola pública, gratuita e universal. Podemos citar Anísio Teixeira e Lourenço Filho como alguns de seus defensores no Brasil. Em 1932 foi lançado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, um manifesto que congregou vários educadores em prol das pautas do movimento (SCHWARTZMAN, BOMENY e COSTA, 2000).

também posições políticas a serem defendidas, legitimadas, ou seja, era uma forma de consolidação das ideias, valores e concepções de mundo deste grupo.

Os católicos utilizaram dos diversos mecanismos e ações estratégicas que possuíam, como as atividades intelectuais, política, religiosa e principalmente do seu jornal, usado como trincheira de defesa dos seus ideais, além de mecanismo estratégico na ação pedagógica católica, no desejo de “educar os espíritos” e formar os costumes da sociedade católica na capital cearense. Sua ação educacional através do jornal e de suas disputas no ensino formal voltados para o jovem era intensa na busca de controlar, legitimar e consolidar o futuro da religião católica, ao mesmo tempo em que combatiam os ideais que questionavam os valores desse grupo em Fortaleza.

Podemos ver essa relação entre o jornal e o modelo educacional proposto e defendido pela intelectualidade católica tanto nas páginas do “O Nordeste” como também na Liga dos Professores Católicos (que teve como presidente Luiz Sucupira), que nesse momento, mesmo em defesa de um modelo educacional, já buscava estabelecer certos padrões sociais que eram desejados pelo grupo católico. Vejamos o que se falava a respeito da educação na cerimônia de posse da presidência de Luis Sucupira na Liga dos Professores Católicos do Ceará.

Pio XI, expressando o pensar da Igreja de Cristo, proclamou não ser a sociedade o fim mas o meio eficiente de se chegar a Deus. A educação pertence á Igreja, á Família e ao Estado. O direito da Igreja à educação não vem, de maneira alguma, prejudicar nem a Família e nem o Estado. A Igreja deve ocupar o primeiro plano, seguindo-se-lhe a Família por Direito Natural. O Estado não pode subtrair a Família o uso legítimo desse direito. [...] Abordou, ainda, a educação sexual e a coeducação, dois graves erros da pedagogia chamada “moderna”, que desconhece a natureza humana. Finalmente, expos qual o ambiente em que se processa a educação. – o mundo – ambiente esse que deve ser aproveitado para conduzir a criança ao seu verdadeiro modelo: Jesus Cristo [sic.] (LIGA DOS PROFESSORES CATÓLICOS DO CEARÁ, 1937, p. 3).

Esse primeiro trecho faz referência ao pronunciamento feito pelo padre Lauro Fernandes, presente na cerimônia de posse do presidente da Liga dos Professores

Católicos do Ceará. Em seguida temos na mesma ocasião o relato a respeito do pronunciamento do presidente da instituição:

O senhor Luiz Sucupira, com a palavra, proferiu vibrante oração de posse. Disse que assumia naquele momento o cargo de Presidente da “Liga de Professores Católicos” como um soldado que recebe armas e munições afim de seguir para a batalha. E isto porque a “Liga” não devia ser um exército de reserva, mas uma milícia em franco combate. Declarou que nós não deveríamos nos contentar com reuniões internas. Elas de fato, se faziam necessárias. Mas, além disto, necessário se tornava a atividade externa que, entretanto, jamais deveria ser confundida com a agitação. O nosso programa a ser seguido, segundo o seu pensamento deveria consistir em uma trilogia: Verdade, Beleza, Bondade. Passou a explicar o sentido destes três vocábulos. Verdade – Nós, católicos, somos os depositários da Verdade Integral. A Igreja é a Verdade. É impecável na sua alma e não no seu corpo. Beleza – O sistema pedagógico cristão contém em si belezas tais que não nos permitem invejar as outras doutrinas que, em última análise, são copias deturpadas dos ensinamentos de filosofia tomista. Esta de fato é demonstrado a cada passo se fizermos a comparação entre a concepção de Santo Tomaz de Aquino e as doutrinas de Dewey, Butler, Mac-Vannel, Spencer, James, e etc. Bondade – A educação cristã é a da bondade. A educação, tal qual preceitua a Igreja, é a vida em Cristo, por Cristo e para Cristo. A sua oração teve o cunho da oportunidade, ferindo pontos necessários (LIGA DOS PROFESSORES CATÓLICOS DO CEARÁ, 1937, p. 2-3).

Inicialmente é necessário destacar alguns pontos, primeiro o que era a Liga de Professores Católicos do Ceará e segundo qual a sua importância para nossas análises dessa associação. Então, inicialmente a Liga dos Professores Católicos era uma associação que integrava mais uma das diversas atividades desenvolvidas no interior da Ação Católica de Fortaleza (PARENTE, 2000), porém essa nos traz alguns pontos importantes, o primeiro deles é a participação, por exemplo, de Luis Sucupira na presidência dessa Liga, segundo a sua preocupação em estar orientando professores de acordo com as diretrizes católicas, atuando assim diretamente em escolas que estavam sobre o controle da Igreja ou não.

Além disso, outros pontos devem ser mencionados, por exemplo, logo após a posse de Luis Sucupira temos sendo integrado a essa Liga, José Valdevino, que chegou a atuar de forma efetiva durante a presidência desse primeiro. Sem contar a tentativa de conseguir um espaço no jornal católico que seria chamado “Página do

Professor”, o que mostrava como essa associação mantinha uma relação ativa com a intelectualidade católica que atuava junto ao periódico da arquidiocese, procurando promover até mesmo uma interação entre intelectuais<sup>3</sup>, Liga dos Professores Católicos e *O Nordeste*. Porém, essa relação durou pouco tempo, pois no final de 1937 o atual presidente teve que sair do cargo, uma vez que ficaria fora do Estado e o padre Lauro Fernandes assumiria interinamente, situação que fez com que essa associação ganhasse outras atividades e outras articulações, por exemplo, não teríamos mais a participação de José Valdevino. Percebemos uma maior presença de padres nas reuniões, principalmente nos cargos ligados ao gerenciamento da Liga. Isso nos mostrou como essa Liga mudou suas atividades e o seu foco de atuação com a saída do intelectual Luis Sucupira.

Os dois relatos que citados falam a partir da cerimônia de posse da nova presidência, e foram escritos por João da Rocha Moreira, secretário e responsável pela escrita das atas da Liga dos Professores Católicos do Ceará. No primeiro trecho vimos o comentário sobre o padre Lauro Fernandes a respeito da encíclica *Divini Illius Magistri*, de Pio XI, e como podemos ver uma busca por parte do padre por legitimar a “missão educativa” da Igreja Católica, cabendo essa tarefa primeiramente a ela, depois à família e em seguida ao Estado, seguindo essa ordem hierárquica.

Em seguida mostra sua preocupação a respeito da educação sexual e da coeducação, que, segundo o clérigo, seria um dos erros da “pedagogia moderna” na qual “desconhece a natureza humana”, já mostrando duas diretrizes que preocupavam o grupo católico, que eram as questões sexuais e a educação conjunta dos gêneros masculino e feminino. Assim, o padre já definia alguns ideais educacionais combatidos pela Igreja, como exemplo a Escola Nova, que buscava uma educação pública voltada para ambos os gêneros, sem distinção, na educação que era destinada a todos, independente de sua classe social, raça ou sexo (SCHWARTZMAN, 2000). Aqui usamos

---

<sup>3</sup> Entenderemos o conceito de intelectuais de forma “ampla e sociocultural, englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais”, nesse caso estão incluídos “tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito” (SIRINELLI, 2003, p. 242).

como exemplo os defensores da Escola Nova, porém não pode ser esquecido que estamos falando de uma defesa dos princípios e da visão de mundo do grupo intelectual católico, que não era o único naquele momento histórico. Assim, Ângela de Castro Gomes (2007) ressalta existir naquele período um embate de diversos grupos intelectuais que defendiam concepções de mundo diferentes do grupo católico, que poderiam ser encontrados em setores políticos, educacionais, administrativos e etc. Mostra a gama diversificada de grupos intelectuais envolvidos no período de 1936 a 1941, que buscavam consolidar suas ideias e valores de mundo, nos quais os intelectuais católicos não foram diferentes.

No entanto, se o Papa dirigiu como vimos anteriormente sua encíclica para a juventude, o padre procura atingir outro público, as crianças, as intenções dele podem ser percebidas, pois é mais fácil convencer uma criança do que um adolescente no que dizia respeito à educação aos preceitos católicos. O direcionamento também tinha intenções de chegar às famílias, principalmente, pais e mães católicos. Entretanto, devemos focar nosso olhar sobre os jovens.

Agora nos detendo na parte do relato que se refere ao intelectual Luis Sucupira, podemos destacar a preocupação deste em fazer da Liga “uma milícia em franco combate”, que a nosso ver isso mostra como o intelectual pensava e atuava na Ação Católica, pois para ele as atividades daquela associação não poderiam ficar restritas àquele pequeno grupo de associados, deveria se estender às outras pessoas. Outro ponto que deve ser destacado é quando ele diz que assumir aquela presidência era para ele “como um soldado que recebe armas e munições a fim de seguir para a batalha”, apesar de entendermos o uso da metáfora feito por Luis Sucupira, compreendemos que realmente era uma batalha, porém não estava em jogo questões econômicas ou territoriais como geralmente presenciamos nas batalhas, mas sim estava em disputa o modelo educacional a ser implantado, além dos padrões, valores e costumes que seriam construídos na educação das futuras gerações.

Porém, mesmo compreendendo a situação em que ele se encontrava, não poderia modificar um assunto tão precioso e delicado para o grupo católico, ou seja, a ordem. Por isso logo depois ele faz uma ressalva sobre suas próprias palavras dizendo “suas ações jamais poderiam ser confundidas com agitação”, pois isso seria justamente o contrário da ordem que estava pré-estabelecida, e se tratando do pensamento católico pior do que pensamentos contrários aos seus seriam as agitações, é a partir delas que supostamente começam as Revoluções que, segundo o pensamento católico, são atribuídas às ações socialistas, inimigos constantes do catolicismo.

Assim percebamos o imaginário social que o intelectual católico busca construir em seu discurso diante daquele grupo que o assistia e diante do público católico de Fortaleza. Mas antes é preciso definir o conceito usado por nós de imaginário social e onde se concentra o poder dessa construção usada por Luis Sucupira.

A potência unificadora dos imaginários sociais é assegurada pela fusão entre verdade e normatividade, informações e valores, que se opera no e por meio do simbolismo. Com efeito, o imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo à ação, um apelo a comportar-se de determinada maneira. Esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum. (BACZKO, 1985, p. 311)

A partir de nossas análises podemos perceber as intenções desse intelectual que busca em suas palavras construir um imaginário social de combate aos ideais contrários ao pensamento católico, trazendo junto com suas informações e valores um simbolismo que normatizava as ações de combate e defesa que seriam empreendidas pelo grupo católico o qual ele presidiu. Por isso, o autor faz uma comparação da sua posse a um soldado em um campo de batalha, pois é através desse imaginário que o presidente da Liga dos Professores Católicos buscava a adesão do seu público ao “sistema de valores” que ele defendia, assim tentando interiorizar nesses indivíduos a concepção de mundo católico, desejando modelar os comportamentos e direcionar sua energia a uma “ação comum”, o combate aos ideais contrários ao do grupo católico de Fortaleza. Era através

desse recurso que se buscava estabelecer comportamentos, valores e as concepções de mundo do grupo de intelectuais católicos em Fortaleza, se utilizando de forma ampla e indiscriminada dos simbolismos e com a construção de um imaginário social que pudesse levar a população fortalezense a receber esse imaginário como realidade e em seguida direcioná-lo à ação em prol dessa suposta “realidade” construída ou desejada pelo laicato católico.

Na outra parte em destaque, Luis Sucupira deixa transparecer uma crítica feita ao grupo católico, na qual geralmente não conseguimos perceber em discurso que parte da ordem eclesiástica da Igreja, quando ele fala a respeito da educação e a classifica partindo de um simbolismo pautado no tripé: “verdade, beleza e bondade”. Logo nesta primeira ele diz que a “A Igreja é a Verdade” e em seguida justifica dizendo “É impecável na sua alma e não no seu corpo”, mostrando que existiam falhas dentro da instituição religiosa. Por mais que saibamos desse detalhe e isso seja óbvio, não podemos deixar de destacar que esse assunto seja abordado por um leigo, em uma cerimônia na qual contava com a presença de clérigos que não deixavam essas questões de falibilidade aparecer em seus discursos.<sup>4</sup>

Por fim, na descrição desse tripé que seria basilar da educação segundo o intelectual católico estariam a “Beleza” e a “Bondade”. Queremos refletir um pouco sobre essa primeira, pois mais uma vez temos aqui a referência direta contra quem era essa batalha da qual menciona metaforicamente o presidente da Liga dos Professores Católicos, segundo ele a “Beleza” da educação católica não permitiria invejar nenhuma outra vertente educacional, principalmente as que deturpavam o pensamento católico, sendo bem explícito neste momento mostrando autores como John Dewey e Herbert Spencer<sup>5</sup>, os quais estavam atrelados aos pensadores que influenciavam o movimento

---

<sup>4</sup> Uma questão importante a ser mencionada é a relação da falibilidade, do pecado ou do erro está ligada ao corpo, essa era uma prática comum nos discursos católicos. Pois pelo que tem nos parecido a relação entre corpo e alma é feita de forma hierárquica na qual essa última estaria posicionada de forma superior ao primeiro, sendo este ligado ao pecado (PORTER, 1992).

<sup>5</sup> Estes autores eram os principais pensadores que influenciavam a Escola Nova, além de suas ideias trazerem um forte apreço ao evolucionismo, ao positivismo e aos ideais cientificistas. Valores estes que eram combatidos pelo grupo católico e amplamente defendidos pelos intelectuais defensores da ciência

da Escola Nova e que traziam em suas teorias questionamentos e preceitos que iam de encontro ao pensamento católico.

Então, esses eram os pensamentos que deveriam ser combatidos e, conseqüentemente, ser legitimados os ideais católicos com o intuito de dar um direcionamento sobre os hábitos e costumes para a sociedade fortalezense e para isso a coeducação era um dos pontos principais nessas diretrizes e nessa batalha educacional.

O professor José Valdevino e seus escritos para o jornal católico nos dão um exemplo disso:

O perigo da coeducação [...]

Pedagogos modernos mas que trazem, nos seus conhecimentos, o vírus do materialismo contemporâneo, reconhecem, na coeducação, o passo máximo na pedagogia. Conveniências de preparar o elemento feminino ao lado do masculino, para a vida futura na sociedade; questões econômicas; influências da mulher sobre o homem, tornando-o mais polido, esforçado e nobre – são, em traços largos, as razões da coeducação ou do seu grau mínimo: a coinstrução, que se verifica entre nós (VALDEVINO, 1937a, p. 4).

Temos que mencionar que antes dessa publicação existiram outras duas; uma delas para avisar a respeito da coluna que seria publicada no jornal católico, feito pelo referido intelectual e sobre o tema que constava no título, essa publicação teve destaque na capa do jornal católico no dia primeiro de fevereiro; a segunda, assim como as demais, tiveram seu lugar reservado na página quatro do jornal, que pelo fato de estar na parte interna não significava que não era um lugar privilegiado no periódico, pois era justamente nesta página que tínhamos as notícias de maior destaque sendo melhor detalhadas, era lá também que tínhamos as principais publicações e as principais colunas, não apenas de cunho religioso, mas também político, ou seja, ao nosso entender essa era uma das partes de maior destaque para os reais leitores.

---

e da laicidade que se encontravam no cenário político da República (SCHWARTZMAN, BOMENY e COSTA, 2000).

O destaque que foi dado a essa coluna, como observamos, mostrava a preocupação da intelectualidade católica com o respectivo tema e não era por menos. Primeiro, vejamos o título que já nos diz muita coisa sobre as intenções dessa coluna, “O perigo da coeducação”, portanto não podemos esperar uma defesa ou uma abordagem que buscasse realmente refletir sobre esse modelo educacional. José Valdevino vem para ressaltar pontos que eram combatidos pela Arquidiocese de Fortaleza no que dizia respeito ao modelo educacional e ao lugar social dos gêneros<sup>6</sup> na sociedade. Para isso, como foi possível observar e analisar, ele vai se utilizar assim como fez seu colega Luis Sucupira, buscando construir um imaginário social que pudesse mobilizar o público conservador em uma ação comum de combate aquele tipo de educação para a juventude fortalezense.

Por este motivo o simbolismo empregado na construção desse imaginário social, no qual atribuía o “perigo” como algo que procurava despertar primeiro o medo da população em relação à coeducação. Em seguida, o desejo era depois de despertar o temor, buscar estabelecer valores, um apelo à ação e por fim um apelo a um determinado comportamento por parte dos católicos, que trazia o desejo de ações de combate à coeducação ao mesmo tempo em que buscava que as famílias católicas não colocassem seus filhos em escolas que aderissem a essa prática educacional. Almeja assim com esse simbolismo empregado estabelecer seus valores na sociedade ao mesmo tempo em que normatizava como deveria ser a prática educacional na cidade de Fortaleza e conseqüentemente as concepções de mundo daquela sociedade.

Nesse sentido, não podemos perder de vista o poder simbólico empregado pelo professor ao referir-se à coeducação e ao grupo que defendia esse tipo de prática pedagógica (“pedagogos modernos”), dizendo que eles traziam em sua pedagogia o “vírus do materialismo contemporâneo”, portanto atribuindo valores pejorativos e que se remetiam à doença, criando desde já ao leitor um imaginário social pejorativo que

---

<sup>6</sup> É importante mencionar que sobre a discussão sobre história das mulheres e as relações de gênero existe alguns trabalhos de relevância para a área entre eles podemos citar PERROT (2005, 2007) e PRIORE (2008).

desqualificava, e buscava ações combativas contra a pedagogia apresentada. Dessa forma criava o medo de que uma suposta “doença” que estava por vir com aquele modelo educacional e ao mesmo tempo criava uma expectativa de que existiria um “remédio” para conter aquele vírus que se aproximava, ou seja, a Educação Cristã.

Seguindo mais adiante, o intelectual mostra a principal preocupação do grupo católico com este tipo de educação, o que não correspondia apenas ao grupo que defendia esse modelo, nem ao menos o fato de homens e mulheres terem a mesma educação, mas sim o fato de “preparar o elemento feminino ao lado do masculino, para a vida futura na sociedade”, uma vez que a preocupação estava sobre o gênero feminino, visto pela Arquidiocese de Fortaleza como tendo um lugar social diferente do que era pensado para o homem, pois este deveria trabalhar e manter a casa com o suor do seu trabalho, segundo o pensamento católico, enquanto a mulher deveria estar ligada aos afazeres domésticos, criando os filhos, cuidando da casa e respectivamente também do marido.

Como mostrou o jornal, a influência feminina para o homem é apresentada como algo positivo “tornando-o mais polido, esforçado e nobre”, entretanto parece que este tipo de educação para os católicos só trazia benefícios para um dos lados, e este já havia sido definido qual era.

Ao lado de uma jovem, o rapaz refreia os seus instintos e molda as suas inclinações, tornando-se um elemento ideal na colectividade. Por outra parte, a menina perde essa espécie de temor, esse receio próprio do sexo, que se intitula pudor, e revela-se o tipo acabado de mulher masculina, sem preconceitos religiosos, livre de dogmas. Nada, portanto, mais moderno em educação que a escola mixta, a promiscuidade de sexos, que equivale a uma grande reprovação às leis evangélicas, pobres conceitos sediços e sem mais nenhuma aplicação pedagógica [sic.] (VALDEVINO, 1937a, p. 4).

José Valdevino mais uma vez ressalta os benefícios da presença feminina para o sexo masculino na contenção dos “instintos” e nas suas “inclinações”. Porém, quando as influências são invertidas parece que nada tinha de positivo para os católicos a influência masculina sobre o sexo feminino, pois este perderia sua “espécie de temor”,

seu “receio”, seu “pudor” se transformando no que o autor chamou de “mulher masculina”. Neste trecho temos algumas características que eram atribuídas, desejadas e que os católicos buscavam ditar nos costumes da sociedade fortalezense, ou seja, o típico quadro que constrói o gênero feminino como o sexo frágil, que precisa de alguém para lhe ajudar com seus “temores”, como se este fosse algo da natureza feminina, como se o medo não fosse parte de uma construção social e histórica (DELUMEAU, 2009). Outro ponto é a preocupação com o “pudor”, que, segundo o pensador católico, se perderia com o contato educacional junto com o grupo masculino, dando mais uma vez uma denotação do que era ser mulher e homem, nesta primeira as questões voltadas ao pudor, à imagem simbólica de mulher ligada à virgindade, pureza nos atos e nos pensamentos. Em contrapartida esses valores parecem não fazer o menor sentido para os homens e não tê-los parece justamente ser o que definia, para os católicos, os gêneros masculino e feminino, pois a mulher que perdesse essas características seria, segundo o intelectual, como vimos, uma “mulher masculina”.

No entanto, a preocupação católica sobre o gênero feminino não se dava apenas pela suposta perda desses valores considerados importantes e “naturais” às mulheres, mas também pela posição estratégica que elas ocupam na difusão, divulgação e consolidação dos valores católicos nos futuros fiéis (seus filhos), pois ainda temos consideravelmente a maioria das mulheres restritas ao ambiente familiar, poucas saiam para trabalhar e as que trabalhavam não eram bem vistas pelo grupo católico, pois elas deveriam estar ligadas aos afazeres da casa e na educação inicial dos filhos (LEÃO XIII, 1891). Dessa forma, as mulheres faziam parte basilar na divulgação dos valores católicos, principalmente quando estas seriam responsáveis pela educação inicial da prole, naquele momento e esse papel estratégico defendido pela Arquidiocese e sua intelectualidade fica visível quando se fala que essa “mulher masculina” seria formada “sem preconceitos religiosos, livre de dogmas”. Entendamos aqui preconceitos não como algo de valor pejorativo como é atribuído atualmente, mas como ideia preconcebida, ou seja, uma fundamentação religiosa na qual estaria ali a presença

católica com seus valores e dogmas para serem estabelecidos antes de qualquer outro contato com qualquer tipo de ideal religioso que não fosse o católico.

Assim, reforçado o pensamento da Arquidiocese de Fortaleza a respeito do que pensavam sobre educação; quem eram os inimigos; que valores deveriam ser combatidos, além de estabelecer os lugares sociais para homens e mulheres na sociedade almejada pelo grupo católico, José Valdevino encerrou sua defesa ao modelo educacional católico atacando mais uma vez a coeducação e a escola mista dizendo que “Nada, portanto, mais moderno em educação que a escola mista [sic.], a promiscuidade de sexos”. Fazendo dessa maneira mais uma vez uma associação simbólica e pejorativa da relação entre o que era considerado “moderno” no que dizia respeito aos valores pedagógicos daquele momento, a escola mista e a “promiscuidade de sexos”, atacando os valores defendidos pela Escola Nova e a coeducação, e conseqüentemente reforça e dá legitimidade aos valores estabelecidos pelo grupo católico e as construções sociais buscadas por eles.

Não foi por acaso que em 1940 o plano educacional feito por uma Junta Arquidiocesana da Ação Católica, publicado no jornal O Nordeste, ditava algumas regras a serem seguidas pelas escolas da capital cearense. Vejamos agora a alguns pontos deste plano educacional arquidiocesano:

A Junta Arquidiocesana da Ação Católica de Fortaleza elaborou e propõe-se executar o seguinte plano educacional: [...]

b) Entendimento eficiente com os diretores dos colégios de frequência mista para tornar os seus educandários exclusivamente de frequência masculina ou feminina, ou então fazer funcionar o colégio em dois prédios independentes, ou dividir as aulas em dois turnos, matutino e vespertino, sendo um para os rapazes e outro para as moças, a partir ao menos do quarto ano primário, inclusive.

c) O intento da letra b deve ser executado no prazo de DOIS anos, a contar de 1940, obedecendo aos seguintes itens:

1º) O diretor do colégio comprometer-se-á firmemente, perante a Junta Arquidiocesana da Ação Católica de Fortaleza, a fazer, DESDE LOGO, o recreio das alunas completamente isolado do recreio dos alunos.

2º) As alunas, nos recreios, serão vigiadas por uma governante.

3º) Nas aulas, haverá separação absoluta entre alunos e alunas.

4º) Os bebedouros e aparelhos sanitários das duas secções serão independentes.

d) Recomendamos, desde já, às famílias católicas os colégios que atualmente não são de frequência mixta, como também aqueles cujos diretores se comprometerem com a Junta da Ação Católica, nos termos da letra c) nº. 1, a realizar o plano das letras b) e c). (JUNTA ARQUIDIOCESANA DE FORTALEZA, 1940, p. 1).

Através deste plano podemos analisar como era constante a preocupação católica com as escolas mistas e com a coeducação, ressaltando, por exemplo, as pressões feitas por este plano às escolas da capital cearense e aos seus diretores para que firmassem um acordo para pôr fim a este tipo de educação formal. Outra característica dessa preocupação pode ser analisada pela posição que esse plano ganhou no jornal católico, ocupando uma notícia de capa, na parte central da página e com um destaque tanto para o título da publicação como também para o plano que teve toda sua impressão feita em destaque em relação às outras publicações da primeira página.

Portanto, dado esse enfoque, nos atemos agora ao plano em si, iniciando pelo item “b”, o qual busca um “entendimento eficiente com os diretores dos colégios” mistos na busca de pôr fim a essa junção, tornando essas instituições de frequência masculina ou feminina, ou no mínimo dividir esses grupos em turnos diferentes. Aqui algo nos chama a atenção, o estabelecimento de uma faixa etária mínima para que os grupos fossem separados, ou seja, o quarto ano primário. Ao nosso olhar analítico isso estava ligado ao momento da fase que passava o gênero feminino, passando segundo José Valdevino, da “2ª infância”, compreendida dos 6 aos 10 anos, para a “fase da adolescência” compreendida dos 10 aos 13 anos (VALDEVINO, 1937b, p. 4), junto a mudança de uma fase para outra não podemos desprezar as mudanças que o corpo feminino estaria passando também naquele momento e isso parecia preocupar bastante o grupo católico de Fortaleza, principalmente se esta mudança corporal estivesse ocorrendo junto ao gênero masculino, pois essa junção era encarada pelos católicos como algo perigoso e colocava em risco todos aqueles valores que estavam sendo estabelecidos ao grupo feminino, pela Arquidiocese e seus intelectuais.

Na letra “c” existe uma preocupação em estabelecer uma data para que o plano fosse cumprido de forma integral pelas escolas, porém foram estabelecidos quatro pontos que deveriam ser executados “DESDE LOGO” [sic.], mostrando algumas preocupações que saltavam os olhos do grupo católico. Temos mais uma vez sendo exaltada a preocupação desse grupo em separar a presença feminina da masculina. Fica notória a preocupação com as mulheres, pois não se fala em separar o gênero masculino do feminino e sim o inverso. Aparentemente pode não ser algo tão importante ou que a ordem estabelecida no plano educacional não influencie no objetivo católico, que aparentemente era só a separação de ambos os grupos.

Porém, como podemos constatar no segundo ponto, não existia uma preocupação apenas em separar homens e mulheres, mas sim uma atenção exacerbada direcionada ao gênero feminino, pois apenas elas precisavam ser vigiadas por uma governante, não existe essa mesma preocupação com os homens, eles, pelo que nos parece, não precisavam ser vigiados, não tinham a necessidade de ser separados. Diante disso nos perguntamos os motivos que levavam a essa preocupação exacerbada com as mulheres e um olhar aparentemente relapso no que dizia respeito ao comportamento masculino. Teríamos aí uma ligação simbólica dessa relação comportamental com Adão e Eva? Não devemos nos precipitar com tais afirmações partindo apenas de mera especulação, afinal de contas não é esse nosso ofício.

Dessa maneira vejamos:

Até aqui o veredictum da sciencia; dora em deante, a palavra autorizada da Igreja Cathólica, sobre tão momentoso assumpto, hoje quando o materialismo vigente fomenta o aniquilamento do lar, retirando dele a mulher para jogá-la às praias de banho, aos clubes, ás universidades, afim de que, mais tarde, á mulher-mãe suceda a mulher homem, a mulher médico, a mulher esporte. [...] Assente sobre bases divinas, a sua palavra é verdade. Pela voz dos seus pontífices, dos seus theologos, dos seus padres, Ella se tem manifestado contra a coeducação e as suas modalidades, não por simples preconceito, mas baseada num argumento de fé: o Peccado Original. A desobediência dos nossos primeiros pais transmitiu-se até nós, si eram eles os representantes e responsáveis únicos de toda a raça humana. Tornamo-nos, pois, sem a Graça, susceptíveis de pecado, de toda e qualquer delinquencia moral. Nascemos com a fraqueza de origem, propensos a atender mais á matéria que ao espirito. A inclinação natural do homem para sua companheira está sujeita a maldade,

justamente pelo pecado de origem, que nos roubou a graça santificante. Vetar toda e qualquer ocasião de pecado, eis o cuidado de Igreja, detentora, na terra, das graças infinitas de Nosso Senhor Jesus Christo. [sic.] (VALDEVINO, 1937c, p. 2)

Mais uma vez José Valdevino e suas publicações a respeito da coeducação se faz presente para nos mostrar o lugar social destinado à mulher e ao homem e também a relação do modelo educacional defendido pelos católicos com os padrões que estavam sendo construídos e combatidos por este grupo. Porém, segundo este intelectual, se até aquele momento buscou mostrar seus argumentos baseados na ciência, a partir de agora iria mostrar os argumentos da Igreja Católica para defender o esse ponto de vista em relação à coeducação.

Portanto, já mostra desde o início a suposta preocupação da Igreja com o lar católico e conseqüentemente com a família, mas como já vimos esse era um dos mecanismos usados pelo grupo católico em suas estratégias na construção de seus padrões, é possível perceber isso logo em seguida, quando ataca o suposto “materialismo vigente” que “fomenta o aniquilamento do lar” jogando as mulheres nas “praias de banho, aos clubes, às universidades”, dessa forma José Valdevino já estabelecia os lugares que eram destinados aos homens e às mulheres, com destaque para este último grupo, condenava a mulher a se limitar no máximo ao ensino secundário e nunca ao ensino superior, como foi possível perceber. Não sendo o bastante, o referido professor continua em “defesa do lar” e ditando os lugares sociais para mulheres e homens.

Segundo este intelectual, o lar e supostamente as famílias estavam ameaçadas, pois este tipo de pedagogia ameaçava o lugar da “mulher-mãe” que daria lugar “a mulher homem, a mulher médico, a mulher esporte”. Assim, mais uma vez surge nossa “mulher masculina” (VALDEVINO, 1937a, p. 4), que parece assumir o lugar dos homens, um lugar que, segundo esta visão, não seria o seu, pois, de acordo com este grupo, a “mulher-mãe” já tinha seu lugar estabelecido socialmente e ao homem, bem como pudemos observar não é uma mera coincidência vir de forma ordenada a sequência de

adjetivos, homem-médico-esporte, que atribuíam determinados valores ao substantivo feminino, pois naquele momento estava sendo simbolicamente atribuído ao homem, pois simbolizava os lugares que eles deveriam ocupar socialmente e hierarquicamente em Fortaleza.

Na sequência, é levantada a base, de acordo com José Valdevino, das críticas e do combate feito pela Igreja Católica à coeducação, sendo que antes busca legitimar e mostrar o valor da opinião religiosa, com as palavras do referido professor se remetendo a Igreja com “sua palavra é verdade”. Sabemos que essa questão poderia ser levantada e com certeza nem todo católico possivelmente tinha essa visão sobre a infalibilidade eclesíastica (como já pudemos ver com Luis Sucupira), no entanto o texto segue seus argumentos contra a coeducação e diz que o posicionamento religioso contrário a esse modelo educacional não era mero preconceito, mas sim baseado em um princípio de fé, ou seja, um dogma: “o Pecado Original”, atribuindo a esse dogma a principal motivação das desobediências, da ligação do homem ao pecado e a “toda delinqüescencia [sic.] moral”, como se esse suposto pecado cometido por Adão e Eva fosse herdado para toda a humanidade.

Porém, não estamos aqui para fazer uma genealogia do pecado, mas sim para relacioná-lo com os padrões e argumentações do grupo católico, nesse sentido cabe destacar três pontos que estavam relacionados entre si nessas argumentações: a relação matéria/espírito (corpo e alma), homem/mulher e pecado/Igreja Católica. Separados aqui de forma didática para melhor compreensão, mas que eles se relacionam e se fundamentam entre si, nas argumentações católicas.

O primeiro ponto procura relacionar esse dogma a uma distinção clara entre corpo-pecador e espírito-divinizado, ligado ao transcendental e por isso purificado e supostamente livre de pecado, colocando de forma hierárquica o espírito sobre o corpo e sendo este muitas vezes atribuído ao pecado (PORTER, 1992), e conseqüentemente, visto pela Igreja Católica com desconfiança.

O segundo ponto, também relacionado àquele dogma mostra homem e mulher ligados ao pecado original, porém com um ingrediente novo, quando diz que existe “a inclinação natural do homem para sua companheira está sujeita a maldade”, por causa de tal dogma. Neste momento devemos analisar atentamente o que foi escrito, pois ali reside uma contradição nas práticas do grupo católico fortalezense. Se realmente era acreditado que existia uma tendência natural masculina maldosa para com sua companheira, e aqui essa “inclinação natural maldosa” deve ser entendida ligada a questões sexuais, de libido e de desejos que estavam ligados ao corpo e conseqüentemente ao pecado, segundo o grupo católico, seria uma contradição que as mulheres fossem vigiadas por uma governante como era desejado pela Junta Arquidiocesana de Fortaleza, uma vez que não eram as mulheres a parte maldosa dessa história, mas sim o homem, como foi dito acima.

Assim, por último a relação pecado/Igreja Católica, pois se este primeiro está relacionado à matéria (corpo), ele também tem uma relação direta e importante nesse discurso quando relacionado com a Igreja, visto que se temos o pecado ligado ao corpo (PORTER, 1992) e conseqüentemente o homem está inclinado mais “a matéria que ao espírito” devido ao pecado original, quem seria o responsável pela inclinação voltada ao espírito e logicamente a “vetar toda e qualquer ocasião” de pecado? “Eis o cuidado da Igreja, detentora [...] das graças” perdidas pelo homem no pecado original, segundo os dogmas católicos.

Dessa forma podemos estabelecer a relação entre esses três pontos no qual matéria/espírito, homem/mulher e pecado/Igreja Católica estavam relacionados e fundamentados nas intenções católicas na tentativa de questionar o modelo educacional da coeducação e juntos ditarem os modelos para os futuros homens e mulheres fortalezenses, estabelecendo os lugares sociais que deveriam ocupar justificando-os de acordo com seus ideais religiosos e seus dogmas.

Entretanto uma pergunta ficou no ar: se o homem é que era dotado de maldade, por que as mulheres é que deveriam ser afastadas e vigiadas? Poderíamos dizer que,

segundo a visão católica e de acordo com o “pecado original”, Eva é quem come o fruto proibido e em seguida convence Adão a cometer o mesmo “pecado”, no entanto, seria problemática essa perspectiva e nada simétrica com os gêneros e muito menos criteriosa com o olhar sobre o grupo católico fortalezense. Assim, preferimos outra resposta mais cuidadosa e simetricamente melhor construída, com os argumentos que temos apresentado.

A preocupação exacerbada com o gênero feminino é fato, os motivos que fazem saltar os olhos católicos já foram aqui alguns apresentados, como os lugares destinados ao homem e à mulher na sociedade, o lugar estratégico dentro do seio familiar ocupado pela mulher visto pela Arquidiocese e seus intelectuais como forma de divulgar e constituir futuros católicos e aqui surge uma nova preocupação que acreditamos responder a pergunta que foi feita anteriormente e alguns outros pontos em torno da separação de homens e mulheres.

A salada do ensino coeducativo é anti-científica, e, por consequência anti-pedagógica. Os apologistas da coeducação e os directores de estabelecimentos onde há a construção esquecem-se de que, numa aula de meninos e meninas, de rapazes e senhorinhas, a irregularidade de um e outro sexos é imensa. Eis por que se nos deparam meninos menos preparados que meninas o que provoca um estado de humilhação comprometedora.

Everado Backheuser diz: “Percebe-se bem, portanto, a situação de patente inferioridade dos meninos nas classes ginásias mixtas, da qual resulta sem a menor dúvida, um pessimismo que leva ou á vergonha ou ao desânimo, inculcando ao ânimo do adolescente a noção de que ele será irremediavelmente vencido pela mulher na luta pela vida, quando de fato o que se dá é o oposto, por isso que a partir dos 15 anos a situação se modifica.” (VALDEVINO, 1937b, p. 5).

Temos neste momento alguns indícios que podem responder aos nossos questionamentos. José Valdevino, em seu artigo, mais uma vez se posiciona contra a coeducação e assume um discurso combativo e com palavras de cunho negativo relacionadas a esse modelo educacional. Entretanto, faz uma reflexão na qual estávamos acostumados a ver falando sobre a diferença entre os gêneros, entrando nessa discussão um elemento novo, a irregularidade entre os grupos nas salas no ensino

misto, visto por este intelectual como prejudicial, pois existiam “meninos menos preparados que meninas” e isto era encarado por este professor de forma negativa, podendo proporcionar “um estado de humilhação comprometedora”. Vale a pena destacar que a diferenciação existente não era algo específico do gênero feminino e masculino, mas sim de todo e qualquer grupo que esteja reunido, porém parece existir essa diferenciação apenas entre homem e mulher. Isso nos mostra que o que inquietava José Valdevino não eram as irregularidades em si, pois com certeza existiam irregularidades entre os próprios alunos do gênero masculino e feminino, mas o que lhe intrigava eram as meninas melhor preparadas que os meninos, chegando a mencionar que isso seria uma “humilhação comprometedora”, para mostrar uma visão que privilegiava e hierarquizava uma sociedade na qual a figura masculina deveria ter um maior destaque que a figura feminina.

Essas questões ficam ainda mais explícitas quando o autor faz uma citação que fala dessa desvantagem dos meninos em relação às meninas nas “classes ginásias mistas” que resultaria em um sentimento de “vergonha” e “desânimo”. No entanto, isso já havia sido mencionado por José Valdevino, o que ainda não tinha sido mencionado eram os motivos que levavam a estes sentimentos expressos na citação, pois segundo ela trazia uma “noção de que ele [homem] será irremediavelmente vencido pela mulher na luta pela vida”, porém faz uma ressalva ao final da citação dizendo que “de fato o que se dá é o oposto, por isso que a partir dos 15 anos a situação se modifica”, procurando fundamentar e legitimar uma superioridade masculina sobre a feminina, reafirmando um lugar social privilegiado que era dado ao homem pelo grupo católico fortalezense.

Nesse sentido, a busca por separar os gêneros para não gerar esse tipo de sentimento nos meninos e conseqüentemente impor para as meninas disciplinas de cunho diferenciado, voltados para o lar e mantidas sob vigilância, pois elas não poderiam, segundo o pensamento católico, “perder o temor que é próprio do sexo”, construindo, assim, simbolicamente um lugar social de inferioridade que era estabelecida pelos padrões católicos fortalezenses através dos debates em torno do modelo educacional e que estrategicamente estabelecia padrões privilegiados para

homens e uma subalternização para as mulheres fortalezenses, além de estabelecer os lugares sociais dos dois gêneros. Portanto, não podemos entender essas estratégias em torno da construção dos costumes e dos padrões da juventude da capital cearense, como algo engessado e emoldurado, pois seria não reconhecer as relações diferenciadas entre o que se pretendia estabelecer e o que era praticado cotidianamente por essa população e pelos gêneros. Afinal de contas se alguém pretende estabelecer esse ou aquele costume é porque existe outro costume não desejado, que é praticado.

### Considerações finais

Como pudemos perceber José Valdevino foi um crítico da educação mista e considerava um perigo para as famílias católicas esse modelo educativo. A preocupação com a moral católica e suas visões de mundo estavam presentes em seus escritos. Também foi possível perceber o cuidado com o gênero masculino, deixando transparecer a posição de privilégio dada a este grupo, em detrimento do gênero feminino.

A atenção dada às mulheres se mostrou em um tom de preocupação e vigilância. Porque a coeducação, segundo Valdevino, poderia causar danos à “natureza feminina”. Uma tentativa de naturalizar comportamentos que eram desejados pelos católicos para o gênero feminino. Dessa forma demonstrava seu posicionamento contrário à coeducação e também buscava estabelecer através de um modelo de educação católico lugares sociais para homens e mulheres. Com destaque e privilégios ao gênero masculino e tentando estabelecer um lugar de subalternidade as mulheres e naturalizando um lugar social para esse grupo restrito ao lar e a família.

Consideramos que os escritos de José Valdevino iam além da pessoalidade. Suas palavras representavam um modo de pensamento e uma visão de mundo da elite católica de Fortaleza, endossadas pelo arcebispo que consentia com as publicações que eram divulgadas amplamente pelo jornal *O Nordeste*. Situação que mostrava uma

hegemonia do grupo católico na sociedade cearense, demonstradas pelos espaços que esse grupo ocupou na política, na imprensa, nos espaços da educação formal e nos ambientes de produção de saber. Lugares privilegiados ocupados quase exclusivamente por homens, salvo algumas raríssimas exceções. Situação que, como pudemos analisar, tentava ser mantida, pois os escritos de José Valdevino questionavam uma educação que buscava dar condições para que mulheres tivessem a oportunidade de frequentar espaços da educação formal antes destinada apenas para o gênero masculino.

Podemos afirmar que os escritos publicados tinham intenção de manter uma situação de privilégios para o sexo masculino em detrimento de uma subalternização do gênero feminino. Limitando este a um espaço escolar diferenciado que naturalizava sua condição social e limitava sua ação ao ambiente doméstico e familiar. O que estava em jogo era muito mais que um modelo educacional, era uma visão de mundo e a manutenção de lugares de privilégio para homens da elite católica fortalezense.

## Referências

BACZKO, Bronislaw. “Imaginação Social” e “Utopia”, In: *Enciclopédia einaudi*. V.5: “Anthropos-Homem.” Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: *O Brasil republicano*. v. 11: economia e cultura (1930-1964) / por Antônio Flávio de Oliveira Pierucci... [et al.]; introdução geral de Sérgio Buarque de Holanda. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 798p.: il. – (História geral da civilização brasileira; t. 3; v. 11).

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. tradução Maria Lucia Machado; tradução de notas Heloísa Jahn. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FARIAS, Damião Duque de. *Em defesa da ordem: aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930 - 1945)*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1998.

GOMES, Ângela de Castro. Autoritarismo e corporativismo no Brasil: intelectuais e construção do mito Vargas. In: PINTO, Antônio Costa; MARTINHO, Francisco Palomanes. *O corporativismo em português: estado, política e sociedade no salazarismo e no varguismo*. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

HENZE, Hans Herbert M. *O centro D. Vital: Igreja, sociedade civil e sociedade política no Brasil (1930-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1995.

JUNTA ARQUIDIOCESANA DE FORTALEZA. Ação Católica Brasileira. *O Nordeste*, Fortaleza, 30 jan. 1940, p. 1.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. – Campinas – 2ª ed. – SP: Papyrus, 1986.

LIGA DOS PROFESSORES CATÓLICOS DO CEARÁ. *Registro de ata*. Abertura: 15 de abril de 1937. Fortaleza, 15 de abril de 1937. Sala de estudos eclesiais. Seminário da Prainha.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). *Fontes históricas*. 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

MIRANDA, Julia. *O poder e a fé: discurso e prática católicos*. Fortaleza, Edições UFC, 1987.

MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. *O trono e o altar: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará, 1817 – 1978*. Fortaleza, BNB, 1992.

PARENTE, Francisco Josênio Camelo. *A fé e a razão na política: conservadorismo e modernidade das elites cearenses*. – Fortaleza: Edições UFC / Edições UVA, 2000.

PERROT, Michele. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução Viviane Ribeiro. – Bauru, SP: EDUSC, 2005.

\_\_\_\_\_. *Minha história das mulheres*. Tradução Angela M. S. Côrrea. – São Paulo: Contexto, 2007.

PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (Org). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

PRIORI, Mary Del (Org). *História das mulheres no Brasil*. Carla Bassanezi (Coord. de textos) 9 ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. – São Paulo : Paz e Terra : Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por Uma História Política*. tradução de Dora Rocha. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

VALDEVINO, José. O perigo da coeducação. *O Nordeste*, Fortaleza, 05 fev. 1937a. p. 4.

VALDEVINO, José. O perigo da coeducação. *O Nordeste*, Fortaleza, 19 fev. 1937b. p. 5.

VALDEVINO, José. O perigo da coeducação. *O Nordeste*, Fortaleza, 26 fev. 1937c. p. 2.

## **Introdução**

Submetido em 12.03.2021 – Aceito em 08.05.2021